INSTITUTO FEDERAL
Rondônia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

***Campus* Porto Velho Zona Norte**
Coordenação do Curso Licenciatura em Pedagogia EAD

VÂNIA LÚCIA PASSOS ARAÚJO

IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO EM VIGOTSKI: CONTRIBUIÇÕES PARA A ANÁLISE DO BRINCAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

PORTO VELHO
2026

VÂNIA LÚCIA PASSOS ARAÚJO

IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO EM VIGOTSKI: CONTRIBUIÇÕES PARA A ANÁLISE DO BRINCAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo entregue como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *Campus Zona Norte*, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura, junto ao Curso de Pedagogia na modalidade de Educação a Distância sob a orientação da professora Dra. Rosa Martins Costa Pereira.

PORTO VELHO
2026

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Araújo, Vânia Lúcia Passos.
Imaginação e criação em Vigotski: contribuições do brincar como ferramenta pedagógica para a inclusão de estudantes com tea na educação infantil / Vânia Lúcia Passos Araújo. - Porto Velho, 2026.
20 f.

Orientador(a): Profª Drª Rosa Martins Costa Pereira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia EAD) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Porto Velho, 2026.

1. educação infantil. 2. Vigotski. 3. Transtorno do Espectro Autista. 4. ferramentas pedagógicas . 5. inclusão . I. Pereira, Rosa Martins Costa (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Gizele de Melo Viana, CRB-11/914

IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO EM VIGOTSKI:
CONTRIBUIÇÕES PARA A ANÁLISE DO BRINCAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo entregue como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *Campus Zona Norte*, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado, junto ao Curso Pedagogia na modalidade de Educação a Distância, sob a orientação da professora, Rosa Martins Costa Pereira.

Aprovado em: 03/11/2026 pela banca examinadora.

gov.br
Documento assinado digitalmente
SAMUEL DOS SANTOS JUNIO
Data: 04/11/2026 15:51:52-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Coordenador do Curso – Samuel dos Santos Junio

gov.br
Documento assinado digitalmente
ROSA MARTINS COSTA PEREIRA
Data: 04/11/2026 15:45:25-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Orientadora – Rosa Martins Costa Pereira

CAPÍmT\O II

Imaginação e Criação em Vigotski: Contribuições do Brincar como Ferramenta Pedagógica para a Inclusão de Estudantes com TEA na Educação Infantil

Vânia Lúcia Passos Araújo
Rosa Martins Costa Pereira
DOI: 10.48209/978-65-5417-851-B

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil constitui uma etapa fundamental para o desenvolvimento integral da criança, pois é nesse período que se ampliam as possibilidades de interação social, comunicação, expressão, aprendizagem e construção do conhecimento. Nesse contexto, o brincar assume um papel essencial no processo educativo, uma vez que possibilita à criança explorar o ambiente, estabelecer relações com outras pessoas, expressar sentimentos e desenvolver a imaginação e a criatividade.

Além de ser um direito da criança, a brincadeira representa uma importante ferramenta pedagógica, capaz de favorecer experiências significativas de aprendizagem e contribuiu para a construção de uma educação inclusiva, que respeite as singularidades e as necessidades de cada estudante. A BNCC (Brasil, 2018, p.37) defende que "a interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das criança" possibilitando um aprendizado lúdico e incluso para o estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Conforme aponta Hudson (2025,p.121): "o TEA ocorre em uma ampla gama de capacidades intelectuais e afeta de 1 a 2% da população. Tem sido mais comumente diagnosticado em meninos, mais um número cres-

cente de meninas está identificado, causando um preocupante motivo para uma abordagem mais detalhada de suas causas e consequências na criança, o cuidado em promover intervenções que alcance esses alunos.

Partindo da problemática: como o brincar, enquanto ferramenta pedagógica pode construir para o processo de inclusão e desenvolvimento de crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil?, esta pesquisa é um esforço de leitura introdutória sobre o tema imaginação e criação e sua contribuição para a análise do brincar como ferramenta pedagógica para a inclusão de estudantes com TEA na educação infantil. A pesquisa, do tipo bibliográfica, foi desenvolvida com estudo de obras que abordam o tema. O objetivo da pesquisa foi analisar estudos sobre o brincar de crianças com TEA, com diferentes níveis de suporte de Transtorno do Espectro Autista – TEA e as contribuições dos processos de imaginação e criação na educação infantil. Os referenciais estudados foram Kishimoto (2011), Hudson (2025), Vygotsky (2009), Oliveira (1997) e Rego (2009).

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA : ENTENDENDO MELHOR A CONSTRUÇÃO DE UM ESPECTRO

O marco histórico do autismo no Brasil é resultado de um longo processo de mudanças na compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA), na garantia dos direitos das pessoas autistas e na construção de políticas públicas voltadas à inclusão social e educacional. Ao longo do tempo, a maneira de compreender o autismo passou por transformações significativas, deixando de ser tratado apenas sob uma perspectiva clínica para também ser reconhecido como uma questão de direitos humanos, cidadania e inclusão. Nesse contexto, conhecer os principais acontecimentos históricos é fundamental para compreender os avanços conquistados e os desafios que ainda precisam ser enfrentados pela sociedade brasileira. Com isso, se faz necessário apontar alguns pontos de conquistas com o passar do tempo.

De acordo com a Cartilha autismo e realidade (2026) em 1978, o psiquiatra Michael Rutter classifica o autismo como um distúrbio do desen-

volvimento cognitivo, criando um marco na compreensão do transtorno. Ele propõe uma definição com base em quatro critérios: 1 - atraso e desvio sociais não só como deficiência intelectual; 2 - problema de comunicação não só em função de deficiência intelectual associada: 3 - comportamento incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; 4 - início antes dos 30 meses de idade.

Com isso, o psiquiatra Michael Rutter contribuiu significativamente para a compreensão do autismo ao propor critérios que ajudaram a estabelecer uma definição mais organizada do transtorno. Sua abordagem destaca aspectos relacionados ao desenvolvimento social, às dificuldades na comunicação e na linguagem, à presença de comportamentos repetitivos e à manifestação dos sinais antes dos 30 meses de idade. Essa contribuição representou um avanço importante para as pesquisas e para o desenvolvimento dos critérios de diagnósticos do autismo.

A evolução histórica do diagnóstico do autismo no Brasil de acordo com o relatório mundial do autismo (2026, p. 28 e 29) se deu da seguinte forma:

1989 – "Período marcado pela invisibilidade diagnosticada. O autismo ainda era compreendido como psicose infantil (CID-9), com diagnósticos raros e restritos a casos graves, geralmente institucionalizados. Momento de transição conceitual, impulsionado pela CID-10 (1993) e pelo DSM-IV (1994), que passam a reconhecer o autismo como transtorno do desenvolvimento, ainda com baixo impacto prático no Brasil.

> Assim, aconteceu o início da ampliação do olhar clínico e do debate internacional sobre o espectro, ainda concentrado em grandes centros urbanos e serviços especializados. Consolidação gradual da noção de espectro e expansão do SUS, com aumento lento, porém contínuo, dos registros diagnósticos.

1995 – Momento de transição conceitual, impulsionado pela CID-10 (1993) e pelo DSM-IV (1994), que passam a reconhecer o autismo como transtorno do desenvolvimento, ainda com baixo impacto prático no Brasil. início da ampliação do olhar clínico e do debate internacional sobre o

espectro, ainda concentrado em grandes centros urbanos e serviços especializados. Consolidação gradual da noção de espectro e expansão do SUS, com aumento lento, porém contínuo, dos registros diagnósticos.

No ano 1995, começa-se a ter um olhar diferenciado para a pessoa autisma, iniciando uma compreensão com mais clareza e inclusão para a pessoa com autismo. 2000 – início da ampliação do olhar clínico e do debate internacional sobre o espectro, ainda concentrado em grandes centros urbanos e serviços especializados." No início dos anos 2000, houve uma ampliação gradual dos estudantes e das discussões sobre o autismo, o tema começou a ganhar maior visibilidade na área da saúde, embora o acesso aos diagnósticos e aos serviços especializados ainda fosse muito limitado, principalmente em regiões afastadas dos grandes centros urbanos.

2005 – Consolidação gradual da noção de espectro e expansão do SUS, com aumento lento, porém contínuo, dos registros diagnósticos." Neste ano, a compreensão do autismo passou por mudanças importantes, com o fortalecimento da ideia de que suas manifestações podem ocorrer de diferentes formas e intensidades.

2010- "Avanço do acesso à informação, maior circulação de conhecimento entre famílias e profissionais e início de uma curva de crescimen-to mais consistente." No ano em questão, o acesso à informação sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tornou-se mais amplo, favorecendo a circulação de conhecimento entre famílias, profissionais de saúde e educadores, Esse movimento contribuiu para aumentar a conscientização sobre as características do autismo e a importância da identificação precoce, do acolhimento e da inclusão social e educacional.

2015 - "Avanço do acesso à informação, maior circulação de conhecimento entre famílias e profissionais e início de uma curva de crescimento mais consistente". No ano 2015 a discussão sobre o autismo ganhou diferentes destaques no campo dos direitos das pessoas com deficiência. No Brasil a Lei Brasileira da Inclusão de Pessoa com Deficiência (Lei n°13.146/2015) representou um avanço na garantia de direitos e na promoção da participação social. Esse período também reforçou a importân-

cia de combater o preconceito, respeitar as diferenças e ampliar as oportunidades de inclusão das pessoas autistas.

2020 - "Período de consolidação do conceito de Transtorno do Espectro Autista (DSM-5-TR), com maior identificação de casos leves e moderados e ampliação do diagnóstico na infância". A partir de 2020, os debates sobre o TEA passaram a enfatizar ainda mais a diversidade de características e necessidades de apoio das pessoas autistas. A ampliação das informações sobre o transtorno contribuiu para uma maior atenção ao desenvolvimento infantil e às diferentes formas de manifestação do autismo.

2025- Forte aceleração dos diagnósticos nos últimos anos, impulsionada pela pandemia, maior atenção ao desenvolvimento infantil e ampliação das redes de apoio. Mais de dois terços dos registros concentram-se nesse período, que segue em crescimento.

Com isso, o autismo continuou recebendo maior atenção da sociedade, das instituições de saúde e das escolas. O aumento da divulgação de informações e da conscientização sobre o TEA contribuiu para ampliar as discussões sobre diagnósticos, acompanhamento e inclusão.

Entretanto, o avanço ocorreu também em criações de leis que abrangem o direito da pessoa autista, na inclusão do estatuto da Pessoa com Deficiência. No Art.1° da Lei n° 13.146, de 6 de julho de 2015.

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015, Art. 1º), esta foi instituída destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoas com deficiência, visando à sua Art. 10. Compete ao poder público garan-tir a dignidade da pessoa com deficiência ao longo de toda a vida, inclu-são social e cidadania.

As citações da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) dos dois artigos, destacam a importância de garantir os direitos fundamentais das pessoas com deficiência, promovendo a igualdade de oportunidades, a inclusão social e o exercício da cidadania.

Nesse sentido, compreende-se que a inclusão vai além do acesso aos espaços sociais, pois exige o combate ao preconceito, a eliminação de barreiras e a criação de condições que favoreçam a participação plena de todos. No contexto educacional, essa legislação reforça a necessidade de uma escola inclusiva, que respeite as diferenças, valorize as potencialidades de cada estudante e ofereça os recursos e apoios necessários para garantir uma aprendizagem significativa, com respeito, autonomia e dignidade.

Conforme aponta (Brasil,20215) Art. 2º– "Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade com as demais pessoas."

O Art. 2º da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015) é fundamental para compreender que a deficiência não deve ser considerada apenas a partir das características individuais de uma pessoa, mas também em relação às barreiras que dificultam sua participação na sociedade.

Compreendendo o diagnóstico

O diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se como uma condição neurodesenvolvimento que afeta principalmente a comunicação, a interação social e o comportamento manifestando-se de forma singular em cada indivíduo, geralmente, nos primeiros anos de vida. Hudson (2025, p.120), define o autismo como "uma condição neurológica (conexões cerebrais) permanente". Pessoas autistas experimentam dificuldades de comunicação e interação social e apresentam comportamentos restritivos/repetitivos. Entretanto, suas características podem variar significativamente entre as pessoas, justificando o uso do termo espectro, essas diversidades exigem uma avaliação cuidadosa, realizada por uma equipe de profissionais que analisam o histórico clínico do desenvolvimento da criança, as observações comportamentais e informações fornecidas pela família.

Conforme aponta Hudson (2025,p.121): “o TEA ocorre em uma ampla gama de capacidades intelectuais e afeta de 1 a 2% da população. Tem sido mais comumente diagnosticado em meninos, mais um número crescente de meninas está sendo identificado”. A autora, destaca que além disso, a identificação mais frequente do TEA em meninos e o aumento do reconhecimento em meninas reforçam a importância de ampliar os conhecimentos sobre suas diferentes manifestações.

Como afirma, (DSM - 5°, 2023) os três níveis de suporte classificam as pessoas com TEA de acordo com a possibilidade de autonomia, permitindo estratégias de intervenções com clareza de classificações de suporte.

Segundo DSM-5 (2023) - Nível 1 de suporte – “Em geral, são pessoas que lidam com dificuldades para manter e seguir normas sociais, apresentam comportamentos inflexíveis e dificuldade de interação social desde a infância”. Nesse nível a pessoa pode apresentar dificuldades na interação social, na comunicação e na compreensão de determinadas regras sociais. Já o Nível 2 de suporte: “Em geral, apresentam comportamento social atípico, rigidez cognitiva, dificuldades de lidar com mudanças e hiperfoco (interesse intenso por determinados objetos, pessoas ou temas)”. As pessoas classificadas neste nível geralmente apresentam dificuldades mais evidentes na comunicação e na interação social, além de maior resistência a mudanças na rotina.

O nível 3 de suporte assim é caracterizado: “nestes casos, os indivíduos têm dificuldades graves no seu cotidiano e déficit severo de comunicação, com uma resposta mínima a interações com outras pessoas e a iniciativa própria de conversar muito limitada”. (DSM-5, 2023).

Já nesse suporte, às necessidades de apoio são mais intensas, especialmente nas áreas da comunicação, da interação social e da flexibilidade comportamental. A pessoa pode apresentar dificuldades significativas, interagir com outras pessoas e lidar com as mudanças na rotina, necessitando de apoio substancial em diferenças sociais em diferentes situações do cotidiano. É importante destacar que os níveis de suporte não definem a capacidade, o potencial de aprendizagem ou o valor de uma pessoa com

TEA. As necessidades de apoio podem variar conforme o contexto e as experiências individuais.

Segundo (American Psychiatric Association,2023,p.50): “o diagnóstico do TEA baseia-se em critérios relacionados a dificuldades persistentes na comunicação e na interação social, associadas a padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades”.

Esses sinais devem estar presentes desde o período inicial do desenvolvimento e causar impactos significativos na vida cotidiana. É importante salientar que o diagnóstico precoce favorece a implementação de intervenções especializadas, favorecendo o desenvolvimento das habilidades cognitivas, sociais, comunicativas e adaptativas da pessoa com autismo.

Dessa forma, o diagnóstico não define as capacidades do indivíduo, mas orienta estratégias de apoio que respeitem suas potencialidades, limitações e singularidade. Por isso, o brincar enquanto prática social e pedagógica, deve apresentar-se como uma ferramenta potente para a inclusão escolar, especialmente na educação infantil como facilitador de interação social.

Uma reflexão sobre os níveis de suporte

Compreender os níveis de suporte relacionados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) é fundamental para reconhecer a diversidade existente entre as pessoas autistas e refletir sobre as diferentes necessidades que podem apresentar ao longo de sua trajetória.

O TEA é definido como uma condição do neurodesenvolvimento que pode manifestar-se de diferentes maneiras, envolvendo características relacionadas à comunicação e à interação social, além de padrões de comportamentos, interesses ou atividades restritos e repetitivos.

Os níveis de suporte são utilizados como uma referência para indicar a intensidade de apoio que uma pessoa pode necessitar em determinados contextos de sua vida. De maneira geral, são classificados em três níveis: suporte 1, que requer suporte; suporte 2, que requer suporte substancial;

e suporte 3, que requer suporte muito substancial. Nesse sentido, refletir sobre os níveis de suporte, significa ir além de uma classificação diagnóstica e compreender que cada pessoa apresenta potencialidades, dificuldades e formas próprias de aprender e se relacionar com o mundo.

No contexto educacional essa compreensão é especialmente importante, pois permite que professores e demais profissionais desenvolvam estratégias pedagógicas mais adequadas às necessidades dos estudantes, favorecendo sua participação, aprendizagem, autonomia e inclusão.

> Com referência, "alunos com diagnóstico de suporte 2/3, necessita-rão de muito mais suporte e poderão ter dificuldades acentuadas de fala e comunicação ou serem não verbais. Em geral frequentam esco-la especial. Tendo em vista, que esses alunos terão dificuldade maior para que consigam absorver o conhecimento devido o suporte proporcionar uma dificuldade maior de aprendizado". (Hudson, 2025, p.121).

Essa classificação auxilia os profissionais na elaboração de estratégias de intervenção e contribui para que as famílias e as instituições compreendam melhor as necessidades de cada pessoa. Entretanto, é fundamental reconhecer que esses níveis não são permanentes nem definem o potencial do indivíduo, pois podem variar ao longo conforme o desenvolvimento, as intervenções recebidas e o contexto em que a pessoa está inserida.

> A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadei-ra entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos, e a regulação das emoções. (Brasil, 2018, p.37).

Quando pensamos sobre a importância das interações e das brincadeiras na Educação Infantil, permite compreender que o brincar é uma ferramenta pedagógica essencial para a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por meio das atividades lúdicas, essas crianças podem desenvolver habilidades de comunicação, ampliar suas possibilidades de interação social, explorar o ambiente e construir conhecimentos de acordo com suas necessidades e potencialidades.

No entanto, refletir sobre os níveis de suporte também significa compreender que o autismo é marcado pela diversidade, com por exemplo, duas pessoas classificadas no mesmo nível podem apresentar habilidades, desafios de formas de comunicação bem diferentes. Por isso, a avaliação deve considerar a individualidade, evitando generalizações que possam limitar oportunidades de aprendizagem, autonomia e participação social. Além disso, os níveis de suporte reforçam a importância da inclusão e do respeito às diferenças.

Portanto, a finalidade desta reflexão é ampliar a compreensão so-bre os diferentes níveis de suporte no TEA, reconhecendo que essa classificação deve servir como referência para identificar necessidades e orientar a oferta de apoios, e não como uma forma de limitar as necessidades ou possibilidades da pessoa autista. Busca-se, assim, promover um olhar mais individualizado, inclusivo e humanizado, especialmente no contexto educacional, considerando as particularidades, potenciali-dades e necessidade de cada estudante. Visto que, o autista apresenta dificuldade em lidar com normas e padrões sociais de comportamento pela sensibilidade que cada um apresenta.

BRINCAR AJUDA A INCLUIR?: INTERFACES ENTRE OS CONCEITOS DE IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As contribuições deixadas por Vygotsky foram de grande valia para o desenvolvimento e aprendizagem infantil. Entre essas contribuições, optou-se pelo estudo da imaginação e da criação na infância por compreender que são aspectos fundamentais para a compreensão no brincar no desenvolvimento infantil e para a inclusão de pessoas com TEA na educação infantil.

Quem é Vygotsky e quais as suas contribuições para a infância

Segundo Rego, (2012,p.18):

> Lev Semenovich Vygotsky nasceu a 17 de novembro de 1896 em Orsha, uma pequena cidade provinciana, na Bielo-Rússia. Sua família, de origem judaica, propiciava um ambiente bastante desafiador em termos intelectuais e estável no que diz respeito ao aspecto econômico. Seu pai, pessoa culta, trabalhava num banco e numa companhia de seguros. Sua mãe, apesar de ter dedicado grande parte de sua vida à criação dos filhos, era professora formada. Vygotsky cresceu e viveu por um longo período em Gomel, também na Bielo-Rússia, na companhia de seus pais e de seus sete irmãos. Casou-se aos 28 anos, com Roza Smekhova, com quem teve duas filhas. Foi um psicólogo e pesquisador soviético, que viveu apenas 37 anos, faleceu em Moscou, em 11 de junho de 1934, vítima de tuberculose, doença com que conviveu durante quatorze anos (1896-1934). Considerado um dos principais estudiosos do desenvolvimento infantil. O interesse de Vygotsky pela psicologia acadêmica começou a se delinear a partir de seu contato, no trabalho de formação de professores, com os proble-mas de crianças com defeitos congênitos, tais como: cegueira, retar-do mental severo, afasia etc.

Para o autor, o desenvolvimento de funções psicológicas superiores depende da mediação realizada por instrumentos, signos e relações sociais, sendo a escola e a família, ambientes fundamentais para esse processo.

As contribuições deixadas por Vygotsky, permanecem até nos dias de hoje, como suporte de conhecimentos e contribuições à educação, que trouxe importantes contribuições para a compreensão do desenvolvimento humano e dos processos de ensino e aprendizagem. Sua teoria histórico-cultural defende que o desenvolvimento da criança acontece por meio das relações sociais, da linguagem, da cultura e das experiên-cias vivenciadas no ambiente em que está inserida.

> Vygotsky atribui enorme importância ao papel da interação social no desenvolvimento do ser humano. Uma das mais significativas contribuições das teses que formulou está na tentativa de explicar (e não apenas pressupor) como o processo de desenvolvimento é socialmente constituído. Essa é a principal razão de seu interesse no estudo da infância. (Rego, 2012,p.39).

Além disso, destaca que Vygotsky considera as interações sociais fundamentais para o desenvolvimento humano, especialmente durante a infância. Nessa perspectiva, a criança constrói conhecimentos por meio das relações que estabelece com outras pessoas, das experiências vivenciadas e da cultura em que está inserida.

No contexto educacional, essa compreensão evidencia a importân-cia do professor como mediador da aprendizagem, promovendo situa-ções de interação, brincadeiras e troca de experiências que favoreçam o desenvolvimento integral das crianças. Além disso, essa perspectiva contribui para a educação inclusiva, pois reforça a necessidade de criar oportunidades para que todas as crianças, inclusive aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), participem das atividades escolares, interajam com seus colegas e desenvolvam suas potencialidades, respeitando suas particularidades.

Portanto, Vygotsky contribuiu significativamente para a compreensão do desenvolvimento infantil, destacando a importância das relações sociais, da cultura e da linguagem na formação da criança. De acordo com sua perspectiva histórico-cultural, a infância é uma etapa marcada por aprendizagens construídas por meio das experiências e das interações que a criança estabelece com outras pessoas e com o ambiente em que vive.

Compreendendo os conceitos de imaginação e criação

A imaginação e a criação são processos fundamentais para o desenvolvimento humano, especialmente durante a infância, período em que a criança amplia suas experiências e constrói conhecimentos por meio das interações sociais e culturais. Esses processos não surgem de forma espontânea ou isolada, mas são construídos a partir das vivências acumuladas pelo indivíduo e das relações estabelecidas com o meio em que está inserida.

REGO, na perspectiva de Vygotsky(2009, p.14):

> A psicologia denomina de imaginação ou fantasia essa atividade criadora baseada na capacidade de combinação do nosso cérebro. Comumente, entende-se por imaginação ou fantasia algo diferente do que a

> ciência denomina com essas palavras. No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter nenhum significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica.

No entanto, toda atividade criadora está relacionada à capacidade humana de combinar elementos da realidade para produzir algo novo. Dessa forma, a imaginação não significa um afastamento do mundo real, mas constitui um processo de reorganização das experiências anteriormente vividas, permitindo ao sujeito elaborar hipóteses, solucionar problemas e construir conhecimento.

Segundo Vygotsky(2009,p,59) " a imaginação criadora penetra com sua a vida pessoal e social, especulativa e prática em todas as suas formas, ela é onipresente". Pode-se dizer que a importância da imaginação criadora na vida humana, demonstra que ela está presente em diferentes situações do cotidiano, tanto nas experiências pessoais quanto nas relações sociais e nas atividades práticas.

Ainda de acordo com Vygotsky (2009, p.36): "O que a criança vê e ouve, dessa forma, são os primeiros pontos de apoio para sua futura criação". Com isso, a criança vai acumulando ideias e ampliando um leque de variedades de conhecimentos os quais vão auxiliar em suas novas criações. Para que o mecanismo de criação seja estimulado é preciso prover experiências em seu dia a dia, para que a criança não permaneça estagnada no meio em que vive.

No dizer de Vygotsky (2009,p. 42): "a criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores". A afirmação de que "a criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores" destaca que a capacidade criativa humana não surge de maneira isolada, mas é construída a partir das experiências, dos conhecimentos e das vivências acumuladas ao longo da história.

Os conceitos de imaginação e criação estão diretamente relacionados, pois a imaginação permite à criança elaborar mentalmente novas ideias, combinar experiências anteriores e construir possibilidades que ainda não existem na realidade. Já a criação, por sua vez, acontece quando essas possibilidades imaginadas se transformam em algo novo, como uma história, um desenho, uma brincadeira, uma descoberta ou uma solução para determinado problema.

Como por exemplo, quando a criança brinca de cavalinho com o cabo da vassoura, ela está vivenciando o que foi apresentado para ela, através de imagens ou real. Fazendo uso de sua imaginação que estava armazenada e transferindo para sua criação. Isso acontece muito quando em seus primeiros anos na inclusão escolar.

Para Rego (2009,p.86) na perspectiva de Vygotsky:

> O que a criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos poderá fazê-lo amanhã por si só. A área de desenvolvimento potencial permite-nos, pois, determinar os futuros passos da criança e a dinâmica do seu desenvolvimento e examinar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação. [...] Portanto, o estado do desenvolvimento mental da criança só pode ser determinado referindo-se pelo menos a dois níveis: o nível de desenvolvimento efetivo e a área de desenvolvimento potencial.

Entende-se que, o desenvolvimento infantil acontece gradualmente, por meio das experiências, das interações sociais e da mediação de pessoas mais experientes. Nessa perspectiva, Vygotsky demonstra que a criança não deve ser avaliada apenas pelo que consegue realizar sozinha, mas também pelas habilidades que pode desenvolver com auxílio e orientação.

Dessa forma, compreender os níveis de desenvolvimento da criança permite organizar práticas pedagógicas que respeitem suas particularidades e favoreçam seu desenvolvimento integral. No contexto da educação inclusiva, essa compreensão é especialmente importante, pois possibilita reconhecer as potencialidades de cada criança, inclusive daquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), oferecendo os recursos e as estratégias necessários para promover sua participação e aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: APLICANDO CONCEITOS VYGOTSKYANOS AO BRINCAR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A compreensão do brincar como ferramenta pedagógica exige a análise de diferentes perspectivas teóricas que fundamentam o desenvolvimento infantil e os processos de aprendizagem. Nesse sentido, autores da psicologia do desenvolvimento e da educação contribuem significativamente para a compreensão do papel do lúdico no contexto escolar, especialmente no que se refere à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

No contexto da Educação brasileira, Kishimoto (2011) destaca que brincar deve ser compreendido como uma prática pedagógica intencio-nal, e não apenas como uma atividade recreativa. Pode ser definido como uma atividade espontânea que promove aprendizagem e desenvolvi-mento. O brinquedo, como objeto utilizado na ação lúdica. A brincadeira, como prática social de brincar. O jogo, como atividade estruturada com regra.

Para Oliveira (1997,p.66):

> Quando Vygotsky discute o papel do brinquedo, refere- se especificamente à brincadeira de " faz-de-conta" , como brincar de casinha, brincar de escolinha, brincar com um cabo de vassoura como se fosse um cavalo. Faz referência a outros tipos de brinquedo, mas a brincadeira de " faz-de-conta" é privilegiada em sua discussão sobre o papel do brinquedo no desenvolvimento.

Por meio dessas brincadeiras, a criança utiliza a imaginação para representar situações do cotidiano, assumir diferentes papéis sociais e atribuir novos significados aos objetos. Dessa forma, o brincar contribui para o desenvolvimento da criatividade, da linguagem, do pensamento e das relações sociais. No contexto educacional, o professor pode utilizar essas experiências lúdicas como ferramentas pedagógicas, proporcionando situações de aprendizagem que favoreçam a autonomia, a interação e a construção do conhecimento.

Nesse contexto, Vygotsky atribui especial importância à brincadeira de faz de conta, na qual a criança utiliza a imaginação para representar situações do cotidiano, como brincar de casinha, de escolinha ou transformar um cabo de vassoura em um cavalo. Essas experiências lúdicas são fundamentais para compreender como o brincar contribui para o desenvolvimento infantil.

Como afirma Oliveira (1997,p,67):

> Tanto pela criação da situação imaginária, como pela definição de regras específicas, o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança. No brinquedo a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real e também aprende.

Como afirma Oliveira (1997,p,67) “Tanto pela criação da situação imaginária, como pela definição de regras específicas, o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança.

No brinquedo a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real e também aprende. Através do brinquedo a criança proporciona a brincadeira que contribui para a criação de uma Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), pois, ao imaginar situações e seguir regras, a criança demonstra capacidades que vão além daquelas manifestadas em suas atividades cotidianas.

Segundo Rego (2009,p.56) “ a criança passa a criar uma situação ilusória e imaginária, como forma de satisfazer seus desejos não realizáveis. Esta é, aliás, a característica que define o brinquedo de um modo geral. A criança brinca pela necessidade de agir em relação ao mundo mais amplo dos adultos e não apenas ao universo dos objetos a que ela tem acesso.

Nessa perspectiva, a brincadeira representa uma importante forma de expressão e aprendizagem na infância, pois permite que a criança explore o mundo ao seu redor por meio da imaginação, o uso do lúdico no ambiente escolar deve estar associado a objetivos educacionais claros, favorecendo a aprendizagem significativa e o desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa contemplou a abordagem quantitativa, com a temática imaginação e criação na contribuição para a análise do brincar como ferramenta pedagógica para a inclusão de estudantes com TEA na educação infantil. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com consultas a obras que abordam o tema.

O Brincar enquanto prática social e pedagógica apresenta-se como um recurso potente para a inclusão escolar, especialmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Esta pesquisa tem como problemática: Como o brincar, enquanto ferramenta pedagógica pode construir para o processo de inclusão e desenvolvimento de crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil?

O objetivo da pesquisa foi analisar estudos sobre o brincar de crianças com TEA, com diferentes níveis de suporte de Transtorno do Espectro Autista - TEA, o brincar, e educação infantil. Kishimoto (2011) destaca que brincar deve ser compreendido como uma prática pedagógica intencional, e não apenas como uma atividade recreativa. O professor precisa, proporcionar atividades lúdicas nas quais possibilita que através do brincar, a criança com TEA desenvolva aprendizados na vivência de sala de aula.

Com isso, o desenvolvimento da imaginação é adquirido através do uso do brinquedo em sala de aula, na socialização com o outro. Para Oliveira (1997,p,67) “Tanto pela criação da situação imaginária, como pela definição de regras específicas, o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança. A autora destaca que através da brincadeira com regras a criança desenvolve a zona de desenvolvimento proximal.

O estudo identificou, com base nas obras analisadas, que os processos de criação e imaginação estão diretamente interligados com o brincar e com o brinquedo, os quais podem ser instrumentos para acesso, conexão e inclusão com crianças com TEA na educação infantil.

Portanto, o brincar deve ser compreendido não apenas como uma atividade recreativa, mas como um recurso essencial para a construção de uma educação mais inclusiva, acolhedora e comprometida com as potencialidades de cada criança.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.
AUTISMO E REALIDADE. O que é autismo? Marcos históricos. São Paulo: Fundação José Luiz Egydio Setúbal, [s.d.]. Disponível em: https://autismo-erealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/marcos-historicos/. Acesso em: 9 out. 2026.

AUTISMO E REALIDADE. **O que é autismo? Marcos históricos**. São Paulo: Fundação José Luiz Egydio Setúbal, [s.d.]. Disponível em: https://autismo-erealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/marcos-historicos/. Acesso em: 9 out. 2026.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 10 out. 2026. [1]

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: mec.gov.br. Acesso em: 11 out. 2026.

INSTITUTO AUTISMO. Mapa Autismo Brasil 2026: epidemiologia, diagnóstico GARCIA, Stefanie; TEIA.WORK. DSM-5 e o diagnóstico. São Paulo: Fundação José Luiz Egydio Setubal, [2023]. Disponível em: autismo e realidade.org.br. Acesso em: 12 out. 20

Hudson, Diana Diferenças específicas de aprendizagem : ideias práticas para trabalhar com : Dislexia, Discalculia, Disgrafia, Dispraxia, TDAH, TEX TOC, Síndrome de Asperger, Evitação patológica de demanda (EPD), Transtorno de processamento sensorial (TPS), Tiques e Síndrome de Tourette / Diana Hudson ; ilustrado por Jon English ; tradução de Guilherme Summa. — 2. ed. — Petrópolis, RJ : Vozes, 2025

OLIVEIRA, Marta Kohl de**. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1997**.**

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da Educação** / Teresa Cristina Rego. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2012 - (Educação e conhecimento

Vigotski, Lev S. (Lev Semionovich), 1896-1934 Imaginação e criação na infância : ensaio psicológico : livro para professores / l.ev Semionovich Vigotski; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka ; tradução Zoia Prestes. - São Paulo : Ática, 2009.